



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**O ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE VITÓRIA/ES: um mapeamento das práticas corporais dos seus jovens estudantes**

Gabriel Carvalho Bungenstab  
Dr. Felipe Quintão de Almeida

**Resumo**

O artigo aborda a relação da juventude com a escola e com as práticas corporais realizadas dentro e fora dela. Para tal, a pesquisa envolveu todas as escolas estaduais que ofertam o Ensino Médio na cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo (ES). A aplicação do questionário ofereceu indícios de como os jovens se relacionam com o saber da Educação Física e das práticas corporais dentro e fora da escola. Conclui que há tensões envolvendo as práticas corporais e aponta a importância de se escutar os jovens alunos nesse processo.

**Introdução**

Esse estudo tem como objetivo mapear as práticas corporais dos estudantes de Ensino Médio público na cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo (ES). Para tal, foi a partir do olhar dos alunos jovens que a análise se desenvolveu, por meio de um questionário aberto realizado com 276 alunos das 13 escolas de Ensino Médio situadas na Capital. Lançamos mão de Macedo (2000), quando o mesmo fala sobre a relevância do questionário aberto nas pesquisas qualitativas, dizendo que este é uma importante ferramenta em prol de uma busca maior na riqueza dos dados. Pretendemos, com isso, mapear as práticas corporais que a juventude capixaba tem acessado dentro da escola (nas aulas de Educação Física), mas, também, suas experiências corporais fora dela.

Em um primeiro momento do artigo, descrevemos o resultado do levantamento feito nas 13 escolas da Capital, tomando, como base, as visitas, as anotações do diário de campo e informações disponíveis no site da Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU). Depois, apresentamos um mapeamento, de todas as escolas, utilizando as respostas retiradas do questionário respondido pelos alunos e alunas. Nesse momento, lançaremos mão das contribuições de Krawczyk (2009), Leão, Dayrell e Reis (2011) e Pais (1993) para refletir sobre a situação do Ensino Médio no Brasil, levantando questões e reflexões sobre a sua situação em nosso Estado. No segundo momento do manuscrito, iremos discutir a relação dos jovens com o Ensino Médio e com a disciplina de Educação Física. Para tal, utilizaremos algumas ideias de Bernard Charlot.

**O Ensino Médio público em Vitória (ES): a infraestrutura e os jovens pesquisados**

Vitória possui grande diversidade social, econômica e cultural. Segundo o IBGE (2010), tem aproximadamente 328.000 habitantes, distribuídos em 79 bairros. De acordo com o



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

site da Secretaria de Educação do Espírito Santo (SEDU)<sup>1</sup>, o Ensino Médio no Estado é constituído de 280 escolas, sendo 252 no espaço urbano e 28 no espaço rural. No espaço urbano, há 118.897 alunos e, no rural, 3.397 estudantes, totalizando 122.294 alunos.

Quando consideramos o total de escolas localizadas na cidade de Vitória, existem 13 escolas de Ensino Médio da rede estadual. Essas escolas estão situadas em diferentes bairros. As escolas, suas localidades e o número de alunos estão alocados no quadro 1:

<b>Escola de Ensino Médio</b>	<b>Localidade (Bairro)</b>	<b>Número de alunos</b>
Aflordízio Carvalho da Silva	Maruípe	736
Almirante Barroso	Goiabeiras	732
Des Carlos Xavier Pais Barreto	Praia do Suá	339
Gomes Cardim	Bairro Centro	194
Hildebrando Lucas	Maruípe	210
Irma Maria Horta	Praia do Canto	1.112
Major Alfredo Pedro Rabaioli	Mario Cypreste	578
Maria Ortiz	Bairro Centro	814
Arnulpho Mathos	Bairro República	1.291
Colégio Estadual do Espírito Santo	Forte São João	1.769
Elza Lemos Andreatta	Ilha das Caieiras	869
Prof. Fernando Duarte Rabelo	Praia de Santa Helena	1.062
Renato José da Costa Pacheco	Jardim Camburi	1.018

Durante a visita nas escolas (vale a pena dizer que as visitas ocorreram no segundo semestre de 2011), além de aplicar o questionário aberto, preocupamo-nos em coletar informações referentes à estrutura física das mesmas e aos comportamentos dos alunos durante o momento em que estávamos presente naquele ambiente. Nesse processo, ficamos em cada escola por três dias. No primeiro dia, nos apresentávamos ao diretor (ou o responsável naquele momento) e explicávamos a pesquisa. No segundo dia, junto ao corpo pedagógico, escolhíamos a turma de segundo ano<sup>2</sup> que iria responder ao questionário (a escolha se baseou pautada sempre pela turma de segundo ano com o

<sup>1</sup> Essas informações foram retiradas do site da SEDU ([www.sedu.es.gov.br](http://www.sedu.es.gov.br)).

<sup>2</sup> Escolhemos o segundo ano do Ensino Médio para representar essa etapa de ensino, pois entendemos que esses jovens se encontram na metade do Ensino Médio, pois não são recém-chegados do ensino fundamental (como o primeiro ano) e nem estão de saída (como o terceiro ano); além do que, o terceiro ano não possui a Educação Física como disciplina.



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

maior número de alunos em sala) e, então, sendo apresentados para os alunos, explicávamos o que seria feito, entregando os termos de consentimento e assentimento. Por fim, no último dia, recolhíamos os termos assinados pelos alunos e, em seguida, ocorria à aplicação do questionário.

Esse processo se repetiu nas 13 escolas estaduais, ainda que em algumas escolas se tenha demorado mais que três dias para realizar essas etapas. Isso devido ao fato de que algumas escolas situam-se em regiões de difícil acesso e, também, por não termos encontrado o diretor (ou outro responsável pela escola) em algumas investidas. Referente ao questionário aplicado, esse teve por objetivo diagnosticar as práticas corporais dos jovens dentro e fora da escola. Para tal, as perguntas foram divididas em três subtítulos, quais sejam; perguntas gerais (que envolviam também a escola), perguntas relacionadas às práticas corporais fora da escola e perguntas referentes às práticas corporais dentro da escola. Juntando todas as escolas, totalizou-se 276 questionários.

Em todas as escolas visitadas, tivemos a oportunidade de acompanhar o recreio dos alunos. Sem exceção, nas escolas foi enorme o número de jovens que andavam pelos corredores, pátios e salas portando aparelhos eletrônicos (como mp3, celulares e máquinas fotográficas). Tal fato foi notado desde as escolas localizadas nos bairros mais carentes até aquelas situadas em bairros considerados de classe média alta. Outro ponto interessante de ser descrito foi o fato de que, também em muitas escolas, alguns alunos (as) frequentam as aulas (inclusive as aulas de Educação Física) de calça jeans e/ou chinelo de dedo. Não há, aparentemente, nenhuma restrição quanto a isso.

Dos 276 jovens que responderam o questionário, 235 (85%) tinham entre 15 e 17 anos, 37 (13.5%) entre 18 e 21 e quatro (1.5%) não responderam a idade. Percebemos que 13.5%, ou seja, 37 alunos, apresentaram defasagem em relação à etapa de ensino na qual eles estão. Em relação ao sexo, 158 (57%) eram do feminino e 118 (43%) do masculino. Em relação ao trabalho, 128 (46%) dos jovens trabalham e 148 (54%) disseram que não trabalham. Sobre o estado civil, 203 (73.5%) dos jovens estão solteiros, 71 (25.7%) estão namorando e 2 jovens são casados. Referente ao local de moradia, 33 (12%) alunos (as) moram no Centro de Vitória, 17 (6%) residem em Grande São Pedro, 16 (5.7%) situa-se em Jardim Camburi, 16 (5.7%) moram em Tabuazeiro/Maruípe e 10 (3.6) residem no Bairro da Penha. Esses foram os cinco bairros mais respondidos pelos alunos, totalizando 92 questionários.

No entanto, foi interessante perceber que bairros e cidades vizinhas à Capital também apareceram como resposta. 25 (9%) alunos (as) moram no município de Serra e outros 10 (3.6%) moram em Cariacica. A SEDU oferece 24 escolas com o Ensino Médio na cidade de Cariacica e 27 escolas que ofertam o Ensino Médio na cidade de Serra. É interessante notar, então, qual o motivo que levam esses alunos a estudarem na Capital, tendo em vista que o número de escolas na sua cidade é maior. Ainda sobre o local de moradia, 23 alunos não responderam e 126 (45%) moram em bairros de Vitória que não foram citados mais de seis vezes.

De todas as escolas visitadas, a Aflordízio Carvalho da Silva se encontrava em reforma; sendo assim, as aulas de Educação Física estavam sendo realizadas dentro da sala de



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

aula. Fato parecido ocorre nas escolas Hildebrando Lucas, Gomes Cardim e Maria Ortiz: por falta de um ambiente adequado (quadra poliesportiva), as aulas acabam tendo que ser realizadas em sala ou no pátio. Leão, Dayrell e Reis (2011), ao realizarem estudo com jovens das escolas de Ensino Médio do Estado do Pará, perceberam que muitos jovens reclamavam das condições que suas escolas se encontravam. Os questionamentos se referiam a falta de limpeza, a falta de climatização nas salas e a não utilização adequada do espaço da escola (como laboratórios e bibliotecas). Ainda segundo os autores (2011, p. 263),

O problema de infraestrutura escolar parece ser recorrente em muitos estados brasileiros. Em parte, isso se deve a resistência a ampliar os gastos com a educação e a opção por uma política de financiamento focalizada no ensino fundamental iniciada nos anos 1990 e que perdurou até 2007

Considerando a estrutura das escolas investigadas, o questionário perguntava aos jovens se eles mudariam algo na escola. 187 (67.7%) alunos disseram que sim, já 68 (24.6%) disseram que não mudariam nada. 21 (7.6%) não responderam. Um jovem da escola Elza Lemos Andreatta disse: “Mudaria a segurança. Muitas coisas acontecem como, consumo de drogas, etc..”. Uma aluna da escola Maria Ortiz, quando perguntada se mudaria algo, disse: “Sim. Porque não tem quadra”. No entanto, não é só da estrutura física que a escola é vista pelos jovens. Eles também voltam seus olhares para outros aspectos que não deixam de ser menos importantes. Um deles refere-se ao corpo social da escola. No questionário, muitos jovens disseram que mudariam os professores, os pedagogos e coordenadores, alegando que esses sujeitos não cumprem suas funções.

Na visão deles, alguns desses profissionais não dão boas aulas e também não se relacionam bem com os alunos. Uma aluna da escola Alflordízio Carvalho da Silva disse que mudaria: “Estrutura, as atividades, a direção, pois com essas e outras mudanças ficaríamos mais motivados a vir à escola”. Assim, esses jovens disseram que, para a escola melhorar, teria que haver uma mudança no corpo docente. Outra aluna da escola supracitada disse que mudaria, “Por que há muita falta de respeito e compreensão.” Leão, Dayrell e Reis (2011), em seu estudo, perceberam que os alunos apontam os aspectos negativos do professor, quando a relação existente é marcada por uma falta de diálogo.

Como mostrado, a maioria ressaltou que a mudança seria em relação à estrutura física do espaço, que não é agradável e não satisfaz as necessidades juvenis dentro da escola (por exemplo, falta de espaço para práticas esportivas, cadeiras e mesas desconfortáveis, em mal estado e construção arquitetônica da escola sem reformas) e também em relação aos professores, dizendo que muitos deles não sabem trabalhar e lidar com o jovem dentro da sala de aula.

**Juventude, Educação Física e práticas corporais extraescolares**



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Por muito tempo, jovens e crianças ficaram sem frequentar a escola. Devemos problematizar a relação que a escola estabelece com os jovens no contemporâneo, já que esses indivíduos trazem consigo modos de vida do cotidiano exterior ao muro escolar que constituem sua cultura, como seus relacionamentos (familiares e afetivos), sua relação com o trabalho, com o futuro e com as atividades físicas.

Discutir qual a expectativa que esse jovem assume em relação ao presente vivido dentro da escola e o que ele irá fazer ao término da mesma é importante para compreender as relações sociais e o que esses indivíduos esperam da escola. Pais (1993), em análise sobre transição de jovens para a vida adulta e os projetos (e trajetos) temporais dos jovens, chegou a duas classificações. Uma orientada para o futuro e outra pautada no presente. Assim, ele ressalta que:

Os jovens que apostam em estratégias de mobilidade privilegiam o tempo futuro em detrimento do tempo presente. Tem uma noção de tempo relativamente aberta, porque o que mais enfatizam é o tempo do futuro, da evolução, da não repetitividade. Os outros têm uma noção mais fechada e crítica do tempo – tempo de repetição, de ritualidades ligadas fundamentalmente a conviviabilidade ou as rotinas diárias (PAIS, 1993, p.210).

Pais (1993) ainda diz que alguns jovens privilegiam o tempo presente simplesmente por não terem preocupação alguma com o futuro ou por não terem expectativas nenhuma em relação a ele.<sup>3</sup> Pais (1993) definiu quatro categorias em relação ao modelo de projetos de futuro dos jovens. Modelos esses que, como bem ressalta o autor, resultam da relação entre a representação do eu e a representação do tempo. São eles: autoestruturação (projetos de futuro são construídos de um modo autônomo), heteroestruturação (jovens se conformam com os cursos da vida que consideram quase inevitáveis), heterodesestruturação (relativa ausência de projeto de futuro) e a autodesestruturação (prevalece à idéia de moratória como estilo de vida):

Enquanto alguns jovens conseguem projectar o tempo futuro em termos de unidades cronológicas precisas – por exemplo pensam daqui a dois anos poder vir a casar-se ou ingressar na universidade -, outros são bem mais imprecisos e ambíguos. Desta forma impõe-se que, nos projectos de futuro dos jovens, seja o tempo considerado não apenas como uma categoria cronológica, mas também como uma categoria social (PAIS, 1993, p.212).<sup>4</sup>

<sup>3</sup> É o que Pais (1993) chama de “trajecto sem projecto ou sem grandes projectos”.

<sup>4</sup> As formas classificatórias de construção (ou não) de projeto futuro (como a auto-estruturação, heteroestruturação, heterodesestruturação e autodesestruturação) não podem ser consideradas de forma estática, já que a flexibilidade e a incerteza que vivemos perante o futuro faz com que a juventude não só mude de opinião constantemente sobre o que quer para o futuro, como, também, não há nenhum mecanismo, hoje, que garanta a realização de todos os desejos. Assim, o mesmo jovem que se classifica como autoestruturado, amanhã pode se tornar heteroestruturado.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

No questionário realizado, 176 (64%) dos jovens disseram que irão fazer faculdade após o término do ensino médio. 31 (11%) responderam que irão fazer curso técnico e 18 (6.5%) irão trabalhar. Se compararmos as respostas acima com as reflexões de Pais (1993), vemos que as mesmas dividem-se entre a heteroestruturação e a autoestruturação. Devemos considerar que alguns jovens têm a opção de escolher o que eles querem fazer após o Ensino Médio (fato esse que pode estar ligado a uma condição financeira privilegiada, que de suporte para essa escolha); assim, esses jovens se caracterizariam na autoestruturação. Há os jovens que também sabem o que vão fazer após o Ensino Médio, mas os mesmos não têm a opção de escolher entre o que lhe convém. Essa heteroestruturação pode estar relacionada à necessidade de alguns jovens em relação ao trabalho, já que se conformam pelo fato de terem que trabalhar para ajudar em casa ou para se sustentarem. Interessante notar, também, o baixo número de jovens que pretende trabalhar (18) após o Ensino Médio. Isso se justifica quando lembramos que 128 jovens já trabalham e estudam. 45 jovens apresentaram uma relativa ausência de projeto futuro, ao responderem que não sabem o que irão fazer ou ao se colocarem em dúvida entre várias opções, se caracterizando aqui na heterodeseestruturação. Seis jovens não responderam a pergunta.

Especificamente em relação à Educação Física escolar, no questionário aplicado perguntou-se aos jovens se eles frequentam as aulas, o que eles aprendem e se gostam da mesma. Dos 276 alunos perguntados, 262 (95%) frequentam as aulas de Educação Física e apenas 14 (5%) disseram não frequentar. Desses 14 jovens, sete, apesar de não frequentarem as aulas, gostam da disciplina. Uma aluna da escola Irmã Maria Horta que não frequenta as aulas, quando perguntada se gosta da Educação Física, respondeu; “Sim, mas nessa escola não tive boas aulas de educação física. A professora não sabe dividir a quadra e o tempo com os meninos, que só querem jogar futebol”. Outra aluna, da escola Professor Fernando Duarte Rabelo, disse: “Gosto, porque eu não faço nada, fico na sala dormindo ou conversando com amigos.” Na pergunta sobre o que aprendem nas aulas de Educação Física, nós temos a seguinte situação (quadro 2):

<b>O que você aprende nas aulas de Educação Física</b>	<b>Número de alunos</b>
Várias atividades (esportes, jogos, brincadeiras, corpo humano)	59
Esportes (regras e modalidades)	98
Não sabe	2
Nada	67
Coisas chatas	2
Dança	21
Nada que ele já não saiba	1
Aprende a odiar esportes	1
Não responderam	11



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Charlot (2001) nos mostra que a discussão a respeito da relação com o saber sempre aparece quando existem sujeitos que estão dispostos a aprender, ao passo que outros não manifestam esse mesmo desejo. Como visto acima, dos 262 jovens que frequentam as aulas, 181 (69%), disseram aprender alguma coisa, mesmo que essa seja “coisa chata”. 68 (25.5%) disseram nada aprender nas aulas de Educação Física, dois não sabem o que aprendem e 11 não responderam a pergunta. Entre as atividades que esses jovens disseram aprender, foram relatados diversos conteúdos que fazem parte do currículo, como jogos e brincadeiras, esportes, danças e aprendizagens sobre o corpo humano. Uma aluna da escola Renato José da Costa Pacheco, quando perguntada sobre o que aprende nas aulas de Educação Física, disse que aprende “regras, como jogar e se comportar”. Outro jovem da mesma sala disse aprender “regras dos esportes, aprender a jogar esportes diferentes”. À semelhança do que Schneider e Bueno (2005) identificaram em outro contexto, também constatamos que mais da metade dos alunos conseguiram definir os saberes que a disciplina de Educação Física os proporcionou.

No entanto, observou-se uma diferença da relação que esses jovens possuem com o mesmo saber. Nessa mesma turma (da escola Renato José da Costa Pacheco), uma aluna disse não aprender nada nas aulas, ao passo que alguns alunos dizem aprender conteúdos da disciplina. Existem diferenças, que são apresentadas pelos jovens diante do saber, e que não se justificam, apenas, em função de alguma desmotivação do aluno ou, então, pelo fato de ele ser preguiçoso. Trata-se, conforme argumenta Charlot (2001), da relação entre o indivíduo e aquilo que eles tentam ensiná-lo. Como vemos, em 67 respostas, os alunos relataram que não aprendem nada. O conteúdo da disciplina, ao mesmo tempo em que faz sentido para alguns sujeitos, pode não fazer sentido para outros (como no caso do ensino dos esportes). Assim, não aprender nada não significa que o professor não ensina nada, mas, sim, que aquilo que ele ensina pode não estar fazendo sentido para a aluna.

Em relação às práticas corporais (esportivas ou não) realizadas no ambiente fora da aula de Educação Física, perguntamos se os jovens as praticavam. Obtivemos como resposta que 180 (65%) praticam, 90 (33%) disseram que não praticam e seis (2 %) não responderam. Dentre as atividades que mais apareceram, destacamos os esportes coletivos, esportes radicais (como skate e surf), lutas, academia, corrida e dança. A disciplina de Educação Física aqui se encontra em meio a um dilema: sua atividade (o que ela é destinada a ensinar na escola) aparece em grande escala fora dela; no entanto, parece que a Educação Física não se preocupa com tal fato ou, simplesmente, ainda, não percebeu o crescimento, por parte dos alunos, da realização das mais variadas práticas corporais extra-escolares.

A mídia, as academias, os clubes e as escolinhas estão, cada vez mais, oportunizando para o jovem a vivência de práticas corporais fora da escola. Como visto, apenas os esportes coletivos e a dança aparecem como atividades realizadas, pelos jovens, fora e dentro da escola. Todas as outras atividades que eles praticam fora da escola não são



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

experimentadas dentro da mesma. Há de se considerar que a Educação Física no Ensino Médio e seu professorado não conseguem dar conta de todos os conteúdos e atividades existentes. No entanto, é importante procurar o entendimento do que está em voga, em relação às práticas corporais, no cotidiano juvenil. Os jovens se movem rapidamente, dando dinamicidade ao processo de aprendizagem e apropriação. Uma das alternativas da escola poderia ser, também, o se movimentar com certa rapidez.

Parece que a escola não acompanha a dinamicidade e a fluidez que o mundo contemporâneo vive. Consequência desse descompasso é a dificuldade que a instituição escolar e os professores parecem enfrentar com a intensa oferta de conteúdos e aparelhos que estão disponíveis para os jovens. Perguntamos aos 276 jovens se eles preferem praticar atividade física dentro ou fora da escola, tivemos o seguinte (quadro 3):

<b>Prefere praticar atividade física dentro ou fora da escola?</b>	<b>Número de Alunos</b>
Dentro	38
Fora	142
Dentro e Fora	68
Nenhum dos dois lugares	3
Não responderam	25

Percebe-se, com o quadro acima, que 51% dos jovens preferem praticar atividade física fora da escola e apenas 13% têm preferência por praticar a mesma dentro do ambiente escolar. Entre as justificativas pela preferência fora, um aluno da escola Fernando Duarte Rabello disse: “fora, pois a escola não oferece condições para praticar dentro”. Outro aluno, da mesma escola, disse que prefere “fora, porque você tem mais liberdade.” Um aluno da escola Aflordizio Carvalho da Silva disse que prefere “fora da escola, porque tem mais opções.” Uma aluna da escola Irma Maria Horta disse que prefere praticar “fora, pois na escola não tem atividades que me identifique.” Charlot (2001), após analisar as falas dos jovens em relação ao saber, as separou em três categorias: aprendizagens ligadas à vida cotidiana; aprendizagens afetivas/éticas/morais; e aprendizagens escolares. As atividades físicas (práticas corporais) foram classificadas como aprendizagens do cotidiano, ou seja, no contexto das pesquisas realizadas por Charlot (2001), a prática corporal não apareceu em nenhum momento como saber oriundo do universo escolar.

Em nossa pesquisa, as práticas corporais e atividades físicas aparecem como saber da escola (personificadas por meio da disciplina de Educação Física); no entanto, assim como nos estudos de Charlot (2001), ela ganha principal importância quando relacionada com o mundo cotidiano de fora da escola. Parece que o mundo de fora da escola está mais atrativo que o mundo escolar:



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Os jovens aprenderam muitas coisas antes de entrar na escola e continuam a aprender, fora da escola, ainda que freqüentem a escola – coisas essenciais para eles (“a vida”). Eles já construíram relações com “o aprender”, com aquilo que significa aprender, com as razões pelas quais vale a pena aprender, com aqueles que lhes ensinam as coisas da vida. Portanto, sua relação com o saber que eles encontram na escola, e nada, mas a partir de relações com o aprender que eles já construíram. (CHARLOT, 2001, p.149)

E a escola (e a disciplina Educação Física)? Como se comporta e se relaciona com esse mundo frenético e fluido que também oferta saberes e experiências (no âmbito das práticas corporais) para os jovens? Como os jovens vivem e se comportam nessa encruzilhada de saberes e aprendizagens?

#### Considerações finais

Quando formulamos a pergunta “Prefere praticar atividade física dentro ou fora da escola?”, esperávamos que optassem por responder dentro ou fora, já que a própria pergunta induzia a essa escolha. No entanto, nos surpreendeu o número de estudantes que responderam “dentro e fora”: 68 jovens. A presença do “e” trás consigo uma gama de significação na qual não podemos deixar as margens. Ela nos mostra que os alunos (as) valorizam tanto o que é praticado na escola, como o que é praticado fora dela. Eles deixam a entender que ambos os locais geram momentos de aprendizagens, de saberes e de vivência das atividades físicas. Talvez, como ressaltou Charlot (2001), esses jovens tenham encontrado uma saída que parece conseguir tirar proveito das especificidades e heterogeneidades (mesmo que em meio às tensões existentes) que cada ambiente tem a oferecer em relação às práticas corporais e atividades físicas.

Vimos que 61% (170) dos jovens entrevistados gostariam de experimentar alguma atividade física que ainda não tiveram condição. De fato, apenas três jovens relataram não gostar de praticar atividade física nem dentro e nem fora da escola. Assim, podemos concluir, previamente, que os jovens tem preferência em realizar práticas corporais (142 jovens) fora da escola. A escola (e a disciplina de Educação Física), nesse momento, precisa buscar maneiras atrativas para que seu espaço seja valorizado no que tange as atividades físicas e práticas corporais para os jovens. Com o mapeamento, vimos que os jovens praticam, fora da escola, atividades como, esportes coletivos, esportes radicais (como skate e surf), lutas, academia, corrida e dança. Ora, esse parece ser o momento ideal para a escola oportunizar essas experiências e saberes. Esse esforço, sem dúvida, tornará o mundo de dentro da escola mais atrativo.

#### Referências

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

KRAWCZYK, Nora. **O Ensino Médio no Brasil**. São Paulo: Ação educativa, 2009.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, 2011. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em: 12 fev. 2012.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EdUFBA, 2000.

SCHNEIDER, O; BUENO, J. G. S. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Revista Movimento**, v.11, n.1 p.23-46, 2005. [Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2860>. Acesso em: 25 de fev.2012.

Sites consultados:

<http://www.educacao.es.gov.br/>